

A IDENTIDADE DE LEOPOLDO EM OS CORDEIROS DO ABISMO: ENTRE A LASCÍVIA E A REDEENÇÃO

Rannelle Silva de Oliveira¹
José Elias Pinheiro Neto²

Resumo: Este artigo propõe explicar as nuances que constroem a identidade de Leopoldo em *Os Cordeiros do Abismo*, romance de Maria Luísa Ribeiro. Pela perspectiva de Sigmund Freud (2013), serão discutidos o incesto e o tabu para compreender os percursos psíquicos relativos à primeira escolha sexual de uma criança e entender o inconsciente de Leopoldo nessa fase. Abordar-se-ão reflexões de estudos do comportamento masculino pelo viés de Graham Jackson (1994) para tentar desvendar o tipo vermelho-azul acentuado que reside no protagonista, uma vez que contribuirá para a análise das relações conflituosas estabelecidas entre o personagem, a família (mãe) e outras pessoas. Esse apontamento no romance, possivelmente, poderá influenciar na identidade caótica do protagonista com relação às suas ações. Os aspectos relacionados à identidade serão elencados para questionar a formação da identidade do sujeito na busca de encontrar a si mesmo. Com isso, momentos ambivalentes como redimir ou ceder ao hedonismo serão partes culminantes da narrativa. Os arquétipos do inconsciente esboçados por Jung (1964) também serão reverberados para melhor compreensão das atitudes excêntricas do personagem principal.

Palavras-chave: Comportamento. Identidade. Sexualidade. Sujeito.

THE IDENTITY OF LEOPOLDO IN OS CORDEIROS DO ABISMO: BETWEEN THE LUST AND REDEMPTION

Abstract: This paper proposes a discussion of the nuances that build Leopoldo's identity in *Os Cordeiros do Abismo*, a novel by Maria Luísa Ribeiro. From the perspective of Sigmund Freud (2013), incest and the Taboo will be discussed to understand the psychic pathways related to a child's first sexual choice to understand Leopoldo's unconscious at this stage. Reflections on studies of male behavior through Graham Jackson's (1994) bias will be approached to try to unravel the accentuated red-blue type that reside in the protagonist. Since it will contribute to the analysis of the conflicting relationships established between the character, the family (mother) and other people. This note in the novel may possibly influence the protagonist's chaotic identity in relation to his actions. The aspects related to identity will be listed to question the formation of the subject's identity in the search to find himself. Thus, ambivalent moments such as redeeming or giving in to hedonism will be the culminating parts of the narrative. The archetypes of the unconscious outlined by Jung (1964) will also reverberate for a better understanding of the main character's eccentric attitudes.

Keywords: Behavior. Identity. Sexuality. Subject.

1 Mestra em, Língua, Literatura e Interculturalidade -POSLLI pela UEG – Universidade Estadual de Goiás (Câmpus Cora Coralina) Goiás, GO, Brasil. E-mail: rannelleoliveira22@hotmail.com

2 Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Estágio Pós-doutoral em andamento em Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas do Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP. <https://orcid.org/0000-0001-9574-6451>). Docente na Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, Goiás, GO, Brasil. E-mail: joseeliaspinheiro@gmail.com

Considerações iniciais

Neste trabalho, há a intenção de analisar a construção da identidade de Leopoldo, personagem protagonista do romance *Os Cordeiros do Abismo*. A trama é um romance complexo e psicológico que reverbera a hipocrisia do ser humano quanto à família, à vida social, à orientação sexual e à prática ao hedonismo, contrapondo a moral, a ética, os valores cristãos que indivíduo traz dentro de si, questionando a verdadeira essência do ser e seus segredos submergidos. A autora Maria Luísa Ribeiro desvela o comportamento do protagonista Leopoldo, se ele é o cordeiro nas ironias questionadas ou é o lobo das atrocidades sexuais praticadas. Para compreender essa dualidade são feitas leituras de textos que abordam o comportamento do ser em seus desdobramentos, destaca-se como a cultura se integra na composição do homem atual e como a psicanálise compreende os conflitos gerados na formação do ser por meio do comportamento. Também são inquiridas algumas questões acerca da infância e da família de Leopoldo para refletir a causa de seu comportamento. Verifica-se uma lacuna e ferida aberta desde a infância na vida do personagem, gerando relações problemáticas nas fases de sua formação.

Entre ambiguidades, carne *versus* alma, Leopoldo passa por travessas que dilaceram seu percurso enquanto persona. A narrativa descreve momentos excêntricos que o personagem vive em duas etapas: a primeira etapa se compõe de sete travessas dentre as quais descreve: a perversão dos atos sexuais realizados com as “vítimas”, parentes dos falecidos; a prática exacerbada do prazer com as fotografias dos casos do cartório; o casamento infeliz e de aparência que vive, não tendo afeto pela esposa e sua relação conflituosa com a mãe.

A segunda etapa, denominada “retorno”, também está organizada em sete travessas. O personagem relata situações constrangedoras

alucinantes recebidas pelas pessoas com quem se envolveu (parentes dos defuntos), Leopoldo comete ato sexual com a mãe como forma de vingança ou até mesmo por “insanidade”. Embora o personagem parecesse se redimir diante de algumas atrocidades cometidas, como o caso da Bertrini; ele muda a forma de afeto pela esposa e busca uma reflexão existencial nos diálogos com Marina. Sua personalidade será observada por intermédio das relações sexuais por ele cometidas nas referidas travessas, pela relação maternal e, principalmente, o que marca seu ápice de júbilo ao friccionar o cadáver de Eulália e as fotografias de pessoas mortas para sentir orgasmo.

Entretanto, no retorno das sete travessas, Leopoldo encontra-se numa outra etapa de sua vida, a catarse é o subterfúgio aspirado pelas reminiscências e acontecimentos que despertam o personagem a olhar para si mesmo e tentar entender a sua própria existência. O protagonista é o objeto que pratica, recebe e reflete suas ações. A conduta de Leopoldo faz meditar sobre o que o ser humano é, e o que ser humano finge ser; sua vida de despudor aparta-se socialmente, a transgressão da lei contrapondo ao prazer, as parafilias³ são particularidades que percorrem o livro.

3 “Os transtornos parafilicos inclusos neste Manual são: transtorno voyeurista (espionar outras pessoas em atividades privadas), transtorno exibicionista (expor os genitais), transtorno frotteurista (tocar ou esfregar-se em indivíduo que não consentiu), transtorno do masoquismo sexual (passar por humilhação, submissão ou sofrimento), transtorno do sadismo sexual (infligir humilhação, submissão ou sofrimento), transtorno pedofílico (foco sexual em crianças), transtorno fetichista (usar objetos inanimados ou ter um foco altamente específico em partes não genitais do corpo) e transtorno transvestício (vestir roupas do sexo oposto visando excitação sexual). Esses transtornos têm sido tradicionalmente selecionados para serem listados e terem seus critérios diagnósticos explícitos apontados no DSM por duas razões principais: são relativamente comuns em comparação com outros transtornos parafilicos e alguns deles implicam ações para sua satisfação que, devido à característica nociva e ao dano potencial a outros, são classificadas como delitos criminais. Os oito transtornos listados não esgotam a lista de possíveis transtornos parafilicos. Muitas parafilias distintas foram identificadas e nomeadas, e quase todas poderiam, em virtude de suas consequências negativas para o indivíduo e para outras pessoas, chegar ao nível de um transtorno parafilico. Os diagnósticos outro transtorno parafilico especificado e transtorno parafilico não especificado são, portanto, indispensáveis e necessários em vários casos”.

Na busca de explicar as peculiaridades que constituem Leopoldo, traz-se à luz, nesta pesquisa, o psicanalista Sigmund Freud (2013) para discutir sobre o tabu e seus desdobramentos em relação às proibições e restrições na vida de uma pessoa que comete incesto. Também é pertinente destacar os estudos de Graham Jackson (1994) para agregar conhecimento sobre os tipos de cores que predominam nos comportamentos de relacionamentos masculinos; reverberando a perspectiva de Jung (1964) para tratar da ambivalência *anima* e *animus* presente no inconsciente do ser, também se utiliza do conceito de cultura e identidade de Stuart Hall (2006) para compreender as características do sujeito contemporâneo, levando-se em consideração o comportamento e o meio no qual Leopoldo está inserido, para trabalhar os dilemas existenciais na vida do indivíduo. Além disso, os embates morais, sociais e familiares são importantes para a análise do personagem vislumbrados de forma problematizada ao ceder ao indizível da vida sexual patológica e libertina.

A construção da identidade do personagem Leopoldo em *Os cordeiros do Abismo*

É, pois, uma ficção de impacto, cruel, onde os sonhos do homem são esfacelados por interveniências dos distúrbios satânicos da mente humana. Inspirado no macabro. Uma realidade sobre os tristes dilaceramentos da alma, o fim do homem. (Gabriel Nascente)

De acordo com Angelita Lima (2014, p. 28), o personagem Leopoldo

[...] é profundamente marcado por uma crise do masculino/feminino que envolve especialmente, a relação com sua mãe, com sua mulher, com a maternidade e paternidade, com seu próprio corpo que transgride ao sexo

JESTE, D. V. et al. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento. 5ª ed. Porto Alegre : Artmed, 2014.

quando se transforma em outro corpo.

Porquanto, subjaz nos aspectos constituintes de Leopoldo um estilhaçar, transformando-o quanto ao seu modo de agir e pensar. As experiências e influências interpessoais são fatores preponderantes para colaborar na crise identitária do personagem, visto como um ser de alteridade.

Verifica-se um declínio das velhas identidades em detrimento das novas, pois o sujeito da modernidade tardia está fraturado. Em Leopoldo, notam-se aspectos que constituem sua identidade fragmentada. O sociólogo Stuart Hall (2006) discute a respeito das transformações transcorridas no tempo acerca da identidade. Ele traz a proposição de que há uma desintegração do sujeito em si, ou, deslocamento com relação ao mundo social e cultural de si mesmo. As consequências dessas mudanças geram a chamada “crise de identidade”, uma vez ocasionada, o indivíduo começa a repensar seu lugar, em si mesmo. A incerteza e a dúvida são sentimentos habitados nesse sujeito.

O sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificados ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos os identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13).

Stuart Hall (2006) fala da concepção do sujeito pós-moderno nas identidades culturais, vista com aspectos que conjeturam a nova face do sujeito contemporâneo. Em *Os cordeiros do Abismo*, podem-se concatenar atitudes e comportamento

intrínsecos do sujeito pós-moderno em Leopoldo. No prefácio do livro, há apontamentos do possível comportamento ambíguo de Leopoldo, visto como transgressor, contraditório, pervertido, entre outros. “Dono de uma personalidade monstruosamente enfurecida, odeia a si próprio, e faz apologia aos demônios donde jorram sangue e orgasmos” (RIBEIRO, 2005, p. 6-7).

Na leitura do romance, os pensamentos mais insanos são evocados no espaço do cartório, que herdou após a morte do pai, local onde Leopoldo trabalha como investigador. As reminiscências começam quando os processos caem da prateleira, há uma voz do narrador que fala de um sujeito mostrando desejo virulento por cadáveres, a necrofilia demonstra ser a válvula de escape para saciar suas vontades, seus medos, suas inquietações e ter a companhia de mortos por meio das fotografias. O banheiro passa a ser o espaço de fuga para sentir o momento de plenitude descomunal de êxtase.

Veio-me de novo o fascínio que os retratos de corpos mortos exerciam na central dos meus hormônios. Eu, disfarçadamente, escolhia um dos processos e escondia no banheiro. [...] Entrava no secreto e já na intimidade, alisava as coxas rijas impressas na fotografia da vítima e sentia [...] um gosto tão intenso, que cada labirinto comprimia e dimensionava meu prazer. E os retratos mudavam de textura, acariciavam-me de tal forma ardente que, ali mesmo no piso, gozávamos, a um só tempo, as fotografias e eu. (RIBEIRO, 2005, p. 24).

O sacrilégio é uma façanha inerente ao comportamento de Leopoldo. Ele não convive propriamente com a sociedade “padrão” e apesar do casamento com Eulália não sentia amor por ela e nem teve filhos. Sua adolescência, diferente de outras pessoas, não foi marcada por aventuras com amigos da sua mesma faixa etária, nem por uma paixão avassaladora de escola; não demonstrou interesse por garotas naquela época. Sua compulsão era um descompasso com a vida apregoadada em valores morais, Leopoldo guardava

para si seu modo de viver isolado, recluso. “Sou um homem sóbrio e só. Não, não sou um homem só” (RIBEIRO, 2005, p. 23). Apontando para um impasse conflituoso sobre o sentido de si mesmo, marcada pela dualidade do ‘homem só’.

O sarcasmo de Leopoldo rechaça a sociedade moralista. Ele ironiza o genuíno amor do ser humano, fala da apatia aos acontecimentos da realidade, da violência, da fome, da maldade, da promiscuidade em voga encoberta pela máscara e da hipocrisia. Leopoldo afirma tais fingimentos ao dizer

[...] não frequento rodas sou de poucos amigos, e nem sei por quanto tempo conseguirei coexistir com a moralidade hipócrita que acompanha os para-raios das colunas sociais. [...] Não há lugar para mim nesse recôndito de almas benevolentes, onde ninguém guarda ódio. (RIBEIRO, 2005, p. 33-34).

Leopoldo enxerga nos corpos com os quais mantém relação sexual, necrofilia, um êxtase insaciável. Ele demonstra estar à vontade com os mortos, embora estes não tenham escolha quanto a ser objeto sexual e receber afeto. Observa-se um desabafo por ele, “minha mãe ainda é viva e eu adoro os mortos. Adoro-os porque eles não fogem quando amados. [...] Aprendi que é muito gratificante ter saudade de quem não tem como ir embora e que os vivos são meras consequências dos que não podem mais viver” (RIBEIRO, 2005, p. 45). Concretiza-se o pleno hedonismo pelos pensamentos e a práxis do personagem com as vítimas. Leopoldo vê na morte dos casos de investigação uma possibilidade para expressar carinho. Nota-se um rancor ou uma carência não suprida pela atenção da mãe de Leopoldo.

O cotejo verbalizado por Leopoldo reside no antagonismo, sugerindo, estar com os mortos para obter o sentimento da saudade, ou, repudiar os vivos por fugirem do sentimento afetivo, o amor. Essa ambiguidade apresentada incita o desejo ao leitor de que a mãe desempenha papel culminante

na formação identitária de Leopoldo, a respeito do próprio comportamento do personagem, visto como carente apegado à morte de pessoas e com desejos sexuais anormais que extrapolam o trivial.

Torna-se importante trazer a perspectiva da psicologia analítica, fundada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1974), para melhor escrutinar a construção da identidade de Leopoldo. A questão de separação é discutida para falar da tensão entre os opostos, colocada em voga a respeito da condição psíquica para entendimento no caso de Leopoldo. Para o psicólogo, a alma é ambivalente, pois carrega a *anima* (feminino) e o *animus* (masculino) na estrutura do inconsciente. Com isso ocorre o processo da individuação, no qual acontece a mediação da personalidade da *anima* ou *animus* pelos arquétipos do feminino e masculino. Dessa forma, considera-se o símbolo “uma terceira possibilidade, cuja natureza é irracional e desconcertante para a mente” (JACKSON, 1994, p. 9). Por esse âmbito, os opostos masculino e feminino são inegáveis para descrever os fenômenos consciente e inconsciente.

“Se o homem sente necessidade de mais pai, ele é homossexual; se sente necessidade de mais mãe, é heterossexual; se sente uma necessidade de uma quantidade maior de ambos ele é bissexual” (JUNG, 1974, apud, JACKSON, 1994, p. 24). Observam-se os arquétipos da *anima* e *animus* se fazendo presentes no inconsciente de Leopoldo, a *anima* parece estar mais acentuado nos envolvimento do personagem. Ele demonstra carregar consigo os arquétipos masculino e feminino para descrever o consciente e inconsciente da natureza (ir) racional.

E quando quero lembrar os meus amores, recorro à morte, a única certeza que tenho desde o dia em que fiquei vivo para amar. Quando questiono a dualidade, chego à constatação de que não existe paradoxo nos contrários. Por isso, ser homem ou mulher, nada me custa. Perder ou ganhar não faz nenhuma diferença. No fim, seremos inexoravelmente substituídos, e a humanidade, em levar, irá se transformando em uma congregação de desdêns e silêncios. (RIBEIRO, 2005, p. 45).

A autora dá voz a Leopoldo para criticar a dicotomia masculina e feminina, o personagem não demonstra preocupação em ser, ou não, homem ou mulher, a reflexão a se fazer é compreender que a alma desse sujeito liberta-se “para um centro pessoal e transpessoal” (GRAHAM, 1994, p. 5), sugerindo que Leopoldo está na busca de encontrar sua interioridade e caminhando para um espaço inaugural no ser, a busca de sentido da vida e sobre si mesmo.

Sobre a identidade de Leopoldo, não é simplesmente aderir a uma orientação sexual na qual predominam instintos masculinos ou femininos. A complexidade do personagem está além de seu comportamento bissexual, afinal, importa salientar a instância psíquica como primazia para o fluxo do inconsciente e consciente. Graham Jackson (1994) analisa questões acerca dos padrões de comportamento e do relacionamento masculino. O autor fundamenta-se em Jung para comunicar que o ser humano gera a alma por meio do amor numa relação recíproca, alma-amor. Para ele, a falta de amor é possível ser constatada quando busca em primeiro lugar “amar a nossa alma, assim como ela é” (GRAHAM, 1994, p. 5). A partir do ‘eu’ sondar a si mesmo para se autoconhecer, o próprio sujeito verá as feridas e sofrimentos como consequências do desamor e insensibilidade vivenciados na vida.

A explicação trazida no parágrafo anterior é importante para tentar explicar a reação de Leopoldo ao manter vínculo com pessoas mortas; ignorar a presença maternal em contraponto à desatenção recebida pela mãe na infância, e se ver na dualidade em ser homem e/ou em ser mulher. Portanto, questiona-se os apontamentos sugestivos a respeito de Leopoldo. Seriam a frieza, a ‘insanidade’ e a mácula resultantes da formação provenientes do seio familiar? Ou, uma armadilha da leitura do romance querendo justificar as atrocidades e atos cometidos por Leopoldo, colocando-o como refém? Afinal, quem é Leopoldo?

O título *Cordeiros do abismo* reverbera indícios quanto à identidade de Leopoldo. Surge, então, o questionamento: o que é o abismo na narrativa? Partindo da entrevista concedida para a tese de Angelita Lima (2013), Maria Luísa Ribeiro considera que o abismo é embrenhar na própria essência, e se ver entre a guerra interior constante em ser ou não ser. Leopoldo é um cordeiro, objeto da narrativa, pois se desvelam os pensamentos, as ações mais insanas e perturbadoras que residem no ser ‘casto’ e no ser ‘promíscuo’. Ele mostra a hipocrisia que a humanidade tenta ocultar de si mesmo.

Na introdução há um versículo bíblico, citado em Matheus 11:8-30, “vinde a mim todos que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei”. Essa passagem bíblica é uma metáfora no romance para fazer justiça, ou, ironizar os relacionamentos ao copular com cadáver, cometer incesto com a mãe, ter práticas obsessivas e disfuncionais para ‘aliviar seu problema’ familiar. A parafilia cometida por Leopoldo é uma consequência possivelmente explicada pela formação familiar. No texto, há evidências do envolvimento entre sogra e nora; a mãe justifica sua ausência na vida de Leopoldo na fase da infância, inferindo que saía para satisfazer os caprichos do pai, visto a satisfação dele quando a esposa se entrelaçava com outros homens e mulheres. Diante dos fatos conclui-se que a esposa, Eulália, o pai, Aristides Dornellas, e a mãe, Tarsila, são homossexuais ou até mesmo bissexuais.

A situação complexa e transgressora dos membros familiares de Leopoldo desencadeou forte influência na sua vida, como a neurose sexual demoníaca. As emoções e sexualidade mal resolvidas quando criança culminou na formação de um ser humano solitário, fragmentado, antagonico, atormentado, cheio de monstros ou fantasmas. Conforme Sigmund Freud (2013, p. 11), “a psicanálise nos ensinou que a primeira escolha sexual do menino é incestuosa, concerne

aos objetos proibidos, à mãe e à irmã”. Porém, quando o menino cresce liberta-se do incesto; já o neurótico permanece em condições infantis da psicosexualidade ou reverte-se a elas. Essa afirmativa certifica o motivo de Leopoldo sentir a falta da mãe quando criança e ao se tornar adulto ter o anseio por um encontro com ela para expor “virtudes e verdades” (RIBEIRO, 2005, p. 67), como um resgate amoroso dissimulado pelo protagonista ao concretizar pelo ato, tornando-o um neurótico, por não resolver o problema sexual enquanto era criança.

Para a psicologia, os demônios são forças psíquicas humanas, eles existem na perspectiva de povos primitivos que acreditam em poderes demoníacos (FREUD, 2013). No livro *Totem e tabu*, Freud (2013) discute as singularidades do tabu, o termo permeia tanto o sagrado quanto o impuro. A proibição é um efeito encontrado no tabu, de maneira consciente, ela tem o papel de reprimir o instinto, advindo do inconsciente, pelo caráter obsessivo, a proibição busca sua força com renúncias e limitação da vida. Entretanto, o instinto luta para alcançar a realização do que fora proibido; em um embate mútuo entre proibição e instinto, a libido reprimida posterga para novos aguçamentos, gerando atitudes excessivas. Para o psicanalista, as ações obsessivas:

São, na neurose, nítidas ações de compromisso, de um lado testemunhos de arrependimento, esforços de expiação etc.; de outro, ações substitutas, que compensam o instinto pelo que foi proibido. É uma lei do adocimento neurótico que tais ações obsessivas estejam cada vez mais a serviço do instinto e se aproximem cada vez mais da ação proibida originalmente. (FREUD, 2013, p. 25).

Vale lembrar que o tabu é visto na psicanálise como uma lei ao ser humano que não foi escrita, existente desde os povos antigos; como crenças em evitar relações sexuais com pessoas da mesma família, e que perduram gerações. Freud (2013) assevera que os tabus acometidos no sujeito,

quando é violado pela força do inconsciente, o próprio indivíduo torna-se um tabu; tem a perniciosidade de influenciar ou tentar pessoas ou coisas impessoais ao gozo das restrições, essencialmente. Desse modo, instaura-se uma ambivalência no ser, conduzindo-o a transgredir o tabu.

Em *Os Cordeiros do abismo*, o tabu é rompido com Leopoldo, tornando-o tabu do romance. Nas sete primeiras travessas ocorre um processo de ressurreição de Leopoldo que está na ‘via cruz’, termo que pode representar no cristianismo tanto a morte quanto a ressurreição. Nessa passagem, Leopoldo faz relatos dos casos que tivera, tais como com Arísia (advogada que teve o esposo enforcado); com Orlando (viúvo de Athina); com Aurora (viúva de Rubens Tadeu, advogado desaparecido); com Bertrini, uma moça de 15 anos, (os avós foram assassinados), dentre outros. Na medida em que o protagonista compartilha suas intimidades sexuais, acrescenta para o leitor “e, sempre que me entrego as minhas fantasias, um indescritível bem-estar me toma conta. Torno-me um ser inteiro. Minha pele fica toda carne” (RIBEIRO, 2005, p. 53). Ou seja, Leopoldo busca o transcendental por meio da carne humana quando copula com as vítimas falecidas das fotografias e ainda mantém relação com os parentes das vítimas. Primeiro ele mantém contato para depois ter o controle, despertando o ato proibido para realizá-lo, esse impulso é uma força mágica do inconsciente observado pela psicanálise.

Verifica-se em Leopoldo o tabu, discutido pela psicanálise, ao contagiar as pessoas com quem maculou. Ele vive os instintos proibidos. Todavia, infere-se outro aspecto relatado no retorno das sete travessas. Nesse momento, Leopoldo compartilha as experiências com Marina, mulher misteriosa que ele conhece ou imagina ter conhecido, porém quando ele relembra as revisitações feitas aos casos que ele teve, nota-se uma reflexão por parte

de Leopoldo quanto às pessoas, ele demonstra a intenção de se redimir das culpas, buscando culpar a mãe e a própria infância pelos fatos.

É importante dizer que ele não mostra arrependimento, mas se mostra inquieto, temeroso com as vicissitudes da vida. Leopoldo parece estar perturbado e sua consciência está voltada para a realidade, principalmente, após a morte de sua esposa Eulália. Ele começa a enxergar valores depois de perdê-la, apesar de que esse processo de reconhecimento por Leopoldo é a princípio suscitado por intermédio do conselho de Marina. Depois de um incurso realizado por Leopoldo, quando volta à casa de Marina, apresenta um semblante diferente.

Olhos caídos no chão, sua voz denunciava cansaço provindo de tensão extrema. O desassossego parece tomar conta de mim e invade-me uma sensação de desvario que já não caibo mais na roupa que visto. Queime-me a carne, Marina, e ainda há pouco, na volta, questionava se vale a pena viver essa tormenta. (RIBEIRO, 2005, p. 132).

Nesta passagem, destaca-se Leopoldo embrenhado às reminiscências imbuídas com a realidade. Ocorre uma ambiguidade com o personagem, há uma incerteza de sua lucidez quando relata os acontecimentos à Marina, porque ora ele diz coisas que fazem sentido, ora ele se arrebatava aos devaneios, deixando a duplicidade de sentido ao leitor quanto as suas falas.

Dentre as instâncias psíquicas pontuadas por Freud (2013), ao atentar-se para Leopoldo, vê-se o personagem sendo regido predominantemente pelo Id, visto dar vazão literalmente às vontades e pulsões primitivas do prazer. Embora seja importante ponderar que o personagem enquanto detetive do cartório, é um homem discreto à sociedade, tem um casamento por conveniência dos pais, assume os negócios do cartório assim que o pai falece. Portanto, a rotina de Leopoldo, aparentemente às pessoas, é comum, ele não expõe

seus segredos (desvios demoníacos), fazendo dele uma pessoa moderada ao expor-se, visto que os atos acontecem no banheiro do cartório após o expediente ou no apartamento, ou seja, em lugares reservados.

Os arquétipos incrustados à identidade de Leopoldo

Baseado nos estudos de Jackson (1994), analisa-se subtipos de cores em homens homoeróticos que podem ser compreendidas nos estágios ou fases de sua vida. Torna-se interessante trazer o viés do autor para analisar o personagem protagonista em *Os Cordeiros do abismo*. Nessa busca de caracterizações para descrever as nuances de Leopoldo, ressalta-se que há um movimento dinâmico no qual predominam tipos na persona, elemento chave usado na psicologia junguiana para entender a personalidade de pessoas. De modo que esta averiguação permitirá conjecturas acerca dos arquétipos predominantes na persona em Leopoldo.

No texto *Os mistérios da sala de estar*, de Graham Jackson (1996), ele introduz a cor azul, vista como uma cor escura relacionada ao tom preto. Nas palavras do autor

[...]o azul traz consigo conotações de privação, escuridão, fraqueza, frieza e distanciamento; Kower chama o azul de a cor da frieza, do alheamento e do distanciamento, de tudo o que está distante, no passado e no futuro – no espaço, nos pensamentos, na fantasia, na emotividade. (1996, p. 88).

Essa ‘frieza’ e ‘distanciamento’ são aspectos observados e reconhecidos no romance pela voz do narrador no excerto a seguir, “Leopoldo olhava o mundo com olhar tão neutro, que era como se a ternura tivesse buscado existência longe de seus olhos” (RIBEIRO, 2005, p. 46). No romance, também se destacam dois sentimentos no personagem: “medo e dor”. Pelo esboço da

citação, há de se perceber que o personagem está inserido no mundo, entretanto, ele age como se estivesse solitário, mesmo cercado por pessoas. A destituição de ternura é uma marca forte aspirada por Leopoldo, mesmo estabelecendo contato com pessoas, no caso, Eulália, sua esposa, sua mãe Tarsila e viúvas e/ou viúvo dos cadáveres das fotografias. No protagonista subentende-se que o amor é uma sublimação utópica e que sua dependência por seres vivos, *a priori*, na fase jovem e média, o leva a tornar-se epicurista e apócrifo.

O homem tipo azul, além de ser neutro e frio, é apreendido por buscar integridade moral, está associado ao uso da razão, da ciência, do bom senso; ele incorpora a masculinidade tradicional, é discreto quanto à sexualidade, apoia-se na resistência, no controle, no planejamento, prefere ser o condutor nas relações, estar no domínio das situações, apesar de na intimidade sexual se colocar como submisso. Salienta-se, a partir das descrições do tipo azul, que Leopoldo demonstra ter parcialmente as características dessa persona, porém, há de se pontuar a não rigidez desse arquétipo azul predominantemente no personagem.

Nota-se que, em vários momentos, o personagem demonstra ser apossado por demônios, relatados no retorno das últimas sete travessas. No excerto, observa-se uma situação na qual Leopoldo visita Orlando, viúvo de Athina, homem com quem teve relações íntimas e violentas; após um tempo, ele retorna à casa do viúvo, porém percebe o mal e danos físicos que causou em Orlando quando se relacionou com ele. Leopoldo sente-se trêmulo, assustado e medonho com a ‘receptividade devolvida’ pelo parceiro.

Tomado de surpresa, deixei-me conduzir. Quando ascenderam-se as luzes, vários de outros de nós, irradiando nudez. Um deles era Custódio [...]. Todos de unha vermelhas e enormes. Suas garras me alcançavam. Reconheci muitos daqueles senhores de terno-cinza-chumbo que tanto me fizeram sonhar um dia ser um deles. E agora eu era. *E todos eles eram eu*, com minhas vergonhas estendidas no

tapete. Zonzo de uísque, adormeci para acordar com dois homens se agarrando do meu lado. Orlando se desfez em mágoa, ao me lembrar de tudo que lhe fiz antes de o deixar. Contou-me que levei ao cartório depois do expediente e, tomado de força descomunal, arrebentei-lhe o rosto. Depois, arma em punho, literalmente o obriguei a comer as cópias das fotografias de Athina, para que ele se enchesse dela e me deixasse em paz. Com medo Orlando recuou, mas percebendo em mim perigo em dose grande, procurou o antigo funcionário do cartório para que ele me ajudasse. (RIBEIRO, 2005, p. 127-128).

O estudo de Graham Jackson (1994) faz-se considerável para discutir a persona que há em Leopoldo nos atos sexuais cometidos. O cenário da citação remete a uma situação adversa na vida do personagem, na qual ele sente-se vulnerável, desprotegido e indigno. O excerto trazido contribuirá na análise do personagem diante das reações dele relativo à ‘sacanagem’ recebida.

Jung descreve um fenômeno alquímico ao delinear a mística do homem vermelho, que representa emoções e os instintos, com a mulher branca, que representa a alma; [...] Jung nos lembra que a rosa vermelha também é símbolo de outro Deus mutilado. Dionísio (Baco). Neste caso a rosa evoca cenas de uma rendição orgiástica aos efeitos do vinho [...]. No caso de Afrodite (Vênus) e seu filho, Eros (Cupido), a rosa vermelha que eles também reivindicam como seu símbolo assume o significado do amor carnal e do desejo descomedido aliado à má conduta; (JACKSON, 2005, p. 53 e 54).

Conforme os estudos de Jackson (2005), o tipo vermelho é emotivo, agressivo, sensível, capaz de se relacionar; tem amizades com mulheres e geralmente apresenta um instinto mais afeminado. No caso de Leopoldo, alguns caracteres do tipo vermelho podem ser observados nele, tais como: rendição ao amor carnal, insaciabilidade de desejo; ele também se enxerga em Marina, a amiga confidente. Outro aspecto citado pelo autor é a representação do sangue de Cristo derramado no chão, segundo Jackson (2005), ele deu origem a uma rosa vermelha pintada por artistas, essa rosa simbolizava o sofrimento e amor de Maria

pela perda do filho. Ao retomar o romance, a crucificação simboliza o preço que Leopoldo pagou pela realização aos pecados cometidos com cada viúvo(a) e corpos das fotografias, dando vazão ao epicurismo, ao evocar Dioniso para a vida de iniquidade. É mister expressar que os tipos vermelho e azul, apresentados até aqui, constroem e imiscuem fraturas que compõem a persona de Leopoldo, calcando-o uma nuance opressiva, aviltante e fria.

No final do romance, a fala de Leopoldo, de Marina e do narrador marcam o desfecho do personagem principal. Incitam ao leitor a pensar em um caos psíquico que acomete Leopoldo. Agora, indaga-se, até que ponto o remorso, o perdão, a condenação se inter-relacionam para explicar a crise identitária que o sujeito vive? Leopoldo é uma vítima dos cordeiros do abismo? Ou, ele é a força motriz para conduzir os cordeiros ao abismo?

Um a um desfigurei todos os anjos que Francisca me ensinou a construir. [...] E eu fui além mais; entrei de todo e, pequeno na pele deles, perverti Bertrini, e é a ela que me empreendo nesta hora meu retorno. Para este tempo não existe perdão. E onde não há perdão, condenação também não cabe, porque agora só resta o nada. [...] É neste rastro que chegará ao mais importante momento de sua existência: a hora do remorso, por ter escurecido as virilhas cor-de-rosa de Bertrini. [...] E o desistir de Marina significava o impossível do retorno. E neste momento de angústia, quando me anuncia a hora de parto lhe peço: perdoe Leopoldo e perdoe a mim por todos esses cordeiros do abismo, você que ainda deve ter guardado um conceito de perdão. (RIBEIRO, 2005, p. 164 e 165).

Segundo a psicologia, residem no ser humano forças conflituosas das instâncias psíquicas: o Id, o Ego e o Superego. A perversidade regida pelo Id e a sensatez regida pelo Superego tentam controlar o Ego de Leopoldo para deixá-lo como cordeiro ou lobo. Os cordeiros apresentados exemplificam o lado que o ser vivente busca mascarar e/ou esconder, libertar-se para viver coisas inauditas do ser, que outrora seriam reprimidas pelo equilíbrio

racional. Volta-se à crucificação referida para acrescentar, o homem carrega pela metáfora da cruz o pecado e a salvação. Pela perspectiva religiosa, Jesus foi entregue para a redenção da humanidade para ser libertada dos pecados. Quando se retoma o fragmento do texto, nas entrelinhas, pressupõe-se um sujeito dilacerado entre os dilemas que constroem sua essência.

A desfiguração de Leopoldo representa a angústia, a coita, a morbidez de uma alma que transcende e concomitantemente recebe o fardo de se doar aos pecados. Ele não reluta, mas consterna a se ver entre o perdão e a condenação. Sua carne agora se aflige por se ver num caos de julgamento, em que o prazer pode ter sido a desgraça para o refrigério das almas cansadas e oprimidas de tanto sarcasmo e hipocrisia.

Considerações finais

Diante do embate travado por Leopoldo no final da narrativa, pode-se sugerir que o personagem foi enclausurado pelos demônios que afligem seu corpo, sua alma, sua carne e sua mente. Pela visão da psicanálise, os demônios são criações imaginárias, assim como os deuses. Para Leopoldo, eles são reais, portanto, a luta sangrenta acontece pela crença dele em algo espiritual que está além de suas forças, transtornando-o a viver uma vida dissoluta.

A identidade de Leopoldo perpassa o estado de estar fora de si, como diz Michel Collot (2013), ao discutir sobre a construção do sujeito lírico contemporâneo. Pois, o personagem arrebatase para outro corpo (cadáver) para nutrir os sentimentos mais promíscuos com fotografia dos falecidos e os herdeiros, parentes que tinham ligação com os casos, no qual o personagem tem prazer em investigar para envolver-se.

Como foi colocado em relevância nos estudos de Jackson (2005), os tipos, vermelho e azul acentuam-se no comportamento do personagem. Ao pensar no relacionamento de ambos, gera-se como resultado o medo e, a fascinação pela sombra, envolvendo-o na consumação do amor sem limites, mas ludibriado pelo poder que tem o tipo azul. Essa junção resulta numa loucura insana de Leopoldo e os casos com Aurora, Bertrini, Orlando, Tarsila e outros.

Em *Os Cordeiros do Abismo*, a autora Maria Luísa Ribeiro constrói um personagem complexo e perturbado para justamente incomodar o leitor, chamando a atenção de quem faz a leitura para concluir se Leopoldo é o cordeiro, que representa o ser humano fraturado no caminho da *via crucis*, ou está entre a vida profana, imoral, buscando esconder-se na moralidade social, na boa conduta. Entre ser casto ou impuro, Leopoldo afunda-se no abismo, apesar de que algumas circunstâncias demonstram que ele se redime diante das indecências causadas em outros 'cordeiros'. Dessa forma, Leopoldo é o próprio tabu que conduz outras pessoas a violarem a lei. No entanto, ele pode ser também o objeto à deriva tolhido pelos demônios, ou até mesmo, em seu psíquico, ser regido principalmente pelo Id.

Importa dizer que a formação familiar de Leopoldo pode ser vista como um fator responsável da sua identidade. É uma família com padrões diferentes do modelo tradicional que ainda perdura. No lar tradicional, a mãe cuida da limpeza, dá apoio emocional e cuidado aos filhos. No entanto, a mãe descrita por Leopoldo sai com frequência de casa e tem empregadas, relaciona-se com homens e mulheres para satisfação sexual do pai e dela mesma. O personagem enfatiza esse aspecto para argumentar a carência da mãe, enquanto criança. O caso familiar é complexo, por isso, quando Leopoldo salienta sua sexualidade e de que o fato

de ser homem ou mulher não faz diferença, pode estar arraigado à causalidade vivenciada no lar.

REFERÊNCIAS

COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. Trad. Zênia de Faria e Patrícia Souza Silva Cesaro. Revista Signótica: Goiânia, Vol.25, n 1, p.221-241, 2013.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e neutóticos. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2013.

HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACKSON, Graham. A tradição secreta da jardinagem: padrões de relacionamentos masculinos. Trad. Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulus, 1994.

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Trad. R.F.C. Hull. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LIMA, Angelita Pereira de. Romancidade: Sujeito e existência em leituras geográficos-literárias nos romances a Centopeia de Neon e os Cordeiros do Abismo. Tese (Doutorado em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

RIBEIRO, Maria Luisa. Os Cordeiros do Abismo. 2ª ed. Goiânia: R e F, 2005.

Submissão: junho de 2021

Aceite: julho de 2021